

**Série: Antonio Candido e os Estudos de Literaturas****Africanas de Língua Portuguesa****I – Simone Caputo Gomes**

A partir desta edição, a Revista Crioula inicia a publicação de uma série de entrevistas com pesquisadores de literaturas africanas de língua portuguesa com o intuito de discutir o aproveitamento das teorizações de Antonio Candido, formuladas em torno da literatura brasileira, para investigação destas outras literaturas. Trata-se, portanto, de debater as contribuições teóricas de Candido colocando em evidência o diálogo que os estudiosos brasileiros das literaturas africanas têm mantido com sua obra.

A primeira entrevista da série é com a Professora Doutora da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP, Simone Caputo Gomes. Foi realizada no primeiro semestre de 2009, como parte das atividades do estágio pós-doutoral que a pesquisadora Anita Martins Rodrigues de Moraes<sup>1</sup> desenvolve junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, com financiamento Fapesp.

**Anita Martins Rodrigues de Moraes - Que contribuição a obra de Antonio Candido tem dado aos Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa?**

---

<sup>1</sup> Doutora em Teoria da Literatura pela UNICAMP. Autora da obra *O inconsciente teórico: investigando estratégias interpretativas de Terra Sonâmbula*, de Mia Couto (Annablume/Fapesp, 2009).

**Simone Caputo Gomes** - *Formação da literatura brasileira* (1959), de Antonio Candido, estabeleceu-se como cânone em relação aos estudos sobre a Literatura Brasileira, no país e no exterior. A obra de Antonio Candido tem constituído referência básica para a área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na medida em que possibilita refletir sobre a relação complexa literatura/sociedade e sobre o desenho de uma literatura (no caso estudado por ele, a brasileira) no tempo, sem dividi-la em escolas. Nos capítulos I – Manifestações literárias; II – A configuração do sistema literário e III – O sistema literário consolidado, Candido concebe a literatura como “sistema” que tanto contribui para a construção identitária quanto para expressar identidades, regionais ou nacionais.

A vinculação da literatura à formação histórica do Estado e seus mecanismos de poder, como proposta por Candido, é uma das reflexões rentáveis para o estudo das literaturas africanas de língua portuguesa, impactadas pelo império colonial português, tal como a literatura brasileira. A tese principal de Antonio Candido sobre o processo de consolidação da literatura brasileira como um sistema pode ser estendida às jovens literaturas dos PALOP: a formação de um sistema literário ocorre quando existem determinadas condições; são elas, segundo o pensador: uma intenção de se produzir uma literatura específica, a existência de um conjunto de produtores literários; um sistema imaginário próprio (com mitologia, heroísmo, condições de efabulação) e um público receptor para essa produção simbólica.

A representação das minorias na literatura brasileira pode ser também um processo utilizado pela obra de Candido extensivo ao estudo das literaturas dos PALOP.

**AMRM - Quais noções e conceitos formulados por Candido para a compreensão da literatura brasileira são funcionais para o estudo de outras literaturas de língua portuguesa?**

**Simone Caputo Gomes** - As noções de sistema, tradição (que é transmitida como resposta a demandas sociais), crítica estrutural, por exemplo, são bastante rentáveis para a leitura das séries literárias brasileira e africanas de língua portuguesa. A partir da noção de sistema literário, Benjamin Abdala Jr. construiu, por exemplo, o conceito de macrossistema literário de língua portuguesa, possibilitando o diálogo e a leitura comparativa de textos produzidos naqueles contextos; Marisa Lajolo propôs o estudo analítico comparativo da[s] “formação[ões] e desenvolvimento[s] dos sistemas literários da América Latina”, em seu artigo “A leitura na Formação da Literatura Brasileira de Antonio Candido”.

A *Formação*, em seu arcabouço teórico, realiza a distinção fundamental entre “manifestações literárias”, termo fixado por José Aderaldo Castello em sua *Presença da literatura brasileira*, e o conceito de *literatura* como “sistema”, com “organicidade” própria. A literariedade, assim, não consistirá apenas em aspectos imanentes à obra, mas se construirá na relação desta com a *sociedade* em que é produzida, com uma *tradição* anterior e segundo determinadas condições de *recepção* que lhe permitirão ser objeto de um sistema articulado pela tríade autor-obra-público.

Esclarece Candido que literatura é

considerada aqui como um *sistema* de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes dominantes são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura *aspecto orgânico* da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros (*Formação* - I, p. 25).

Desta forma, propondo uma crítica fundada no *movimento dialético* que engloba arte e sociedade num vasto sistema solidário de impactos recíprocos, Candido contribui para, como Iser mais tarde, tornar irrelevante a querela entre as críticas imanentistas e sociologistas. Para Candido, uma interpretação estética coerente assimila “a dimensão social como fator de arte”.

Do ponto de vista da teoria da literatura (teoria literária) como suporte da crítica, passou-se a evitar, com a contribuição dos postulados de Candido, o privilégio de interpretações unilateralmente sociológicas, psicológicas ou linguísticas, privilegiando elementos constituintes da estruturação da obra capazes de conduzir a uma interpretação coerente a partir dos dados coletados na análise.

Lembremos que crítica, para Candido, significa *crisis*: conflito, debate, ensaio. Deste modo, uma crítica “coerente” (termo usado por ele) envolve também uma postura política do intelectual. A obra ensaística de Antonio Candido surge nas décadas de 40 e 50, no contexto de um país que se iniciava na crítica literária acadêmica. A Universidade de São Paulo acabava de surgir no cenário nacional e as obras produzidas no “círculo uspiano” reverberavam pelos círculos acadêmicos do país, implementando uma gama de reflexões sobre o Brasil da época.

Ainda um outro conceito proposto por Candido poderá ser estendido ao estudo de outras literaturas de língua portuguesa, especialmente as africanas: o das “formas de sociabilidade” retratadas pela literatura brasileira, a propósito da análise que faz de *Memórias de um sargento de milícias*. Em sua opinião, ao contrário das formas norte-americanas, as sociabilidades brasileiras seriam capazes de sustentar fraternidade na administração das diferenças culturais, raciais, religiosas ou ideológicas, sem apelar para a exclusão social como elemento estrutural do sistema. Essa noção de formação pluriétnica passível de fraternidades vem ao encontro do conceito de hibridismo,

tão rentável para a pesquisa de literaturas como a cabo-verdiana, por exemplo, formada num universo compósito de extrema diversidade, tanto espacial (arquipélago formado por dez ilhas distantes, unificado na mestiçagem crioula, mas diverso na natureza da ocupação de cada ilha e nas microculturas nelas produzidas, conforme bem o exemplifica Gabriel Mariano no antológico *Cultura caboverdeana: ensaios*. Lisboa, Vega). A frátria já era uma possibilidade, se assim lermos a proposta de Candido, e os estudos comparatistas sobre as literaturas de língua portuguesa, especialmente as africanas e a brasileira, têm-no comprovado fartamente.

**AMRM - Quais textos de Antonio Candido você considera importantes, produtivos para o estudo das literaturas de língua portuguesa de maneira geral?**

**Simone Caputo Gomes** - Complementando a segunda pergunta, destaco três textos que considero uma *monumenta* teórica para a abordagem dos estudos literários e, face à especial relação que as séries literárias africanas de língua portuguesa mantêm com a brasileira, sobretudo na fase de formação de suas bases identitárias e de sistemas imaginários autóctones.

Envolvido com o seu tempo e a sociedade da qual fazia parte, Candido adotou uma atitude política diante de seu país, realizando leituras do Brasil e de suas formações artísticas, culturais ou sociais. *A Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* (1959) é expressão dessa preocupação de acompanhar a formação literária de um país na periferia do capitalismo. Os conceitos que gravitam em torno das noções de sistema orgânico, tradição literária e crítica integral e coerente norteiam os estudos que têm sido desenvolvidos a propósito da formação e consolidação dos sistemas literários angolano, cabo-verdiano, moçambicano, entre outros.

Outro texto que me parece bastante rentável para a área de Estudos Comparados é “O Direito à Literatura”, por ampliar o conceito de *literatura* relacionando-a com os direitos humanos, definindo-a como um dos direitos humanos fundamentais:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação (CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura. In: Vários Escritos. 3. ed. Revista e Ampliada. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995. p.242).

Assim, a literatura é considerada como “enciclopédica”, faz girar os saberes de modo democrático. E tem uma relação estreita com a vida cultural de uma dada sociedade.

Em “Dialética da Malandragem” (um dos quatro artigos de *O discurso e a cidade*, lançado em 1992, dedicados a entender a trajetória da narrativa realista no Brasil e no Ocidente), Candido conceitua o ato ficcional como “depende[n]te essencialmente de certos pressupostos de fatura, que ordenam a camada superficial dos *dados*. Estes devem ser encarados como *elementos de composição*, não como informes proporcionados pelo autor”, ou seja, o trabalho ficcional se constrói segundo princípios mediadores entre texto e contexto que acarretam, segundo Candido, uma “redução estrutural dos dados externos” que os transforma em *internos*, o que diferencia ficcional e documental. Candido depreende do romance analisado a dialética entre a ordem e a desordem que Almeida colheu na experiência social brasileira para transformá-la em regra de composição interna da narrativa. Dessa maneira, a crítica literária produzida por Candido possibilita entrever, no discurso ficcional, imagens da sociedade brasileira segundo a ótica

de Manuel Antonio de Almeida, em determinado momento de seu processo artístico, sócio-político e cultural.

Trabalhando com o texto de forma semelhante, podemos detectar: imagens de Cabo Verde ficcionadas diferentemente pela obra de um Manuel Lopes (visões do trágico em *Flagelados do vento leste*, por exemplo, a partir das secas e fomes da década de 1940) e de um Germano Almeida (flashes do cômico ou do tragicômico - dependendo do texto de ficção abordado - de um Cabo Verde contemporâneo debatendo-se com tradicionalismos da Ilha-berço-Santiago, por exemplo); ou imagens de Angola construída heroicamente em *Aventuras de Ngunga* e *Mayombe*, de Pepetela, ou de Angola em processo de desencanto, como n'*A geração da utopia*.

**AMRM - Numa perspectiva comparada ou não, que outros textos dialogam com os conceitos de Antonio Candido, dentro e fora da produção crítica brasileira?**

**Simone Caputo Gomes** - Mais do que textos, destacamos arcabouços teóricos que estabelecem relações estreitas com a obra de Candido e que podem potencializar fundamentos nela propostos: a teoria do efeito estético, sobretudo motivada pelo texto de Wolfgang ISER, “Os Atos de Fingir ou O que é Fictício no Texto Ficcional” (In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Literatura em suas fontes*. 2. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983); a discussão do conceito de mimesis, via Erich AUERBACH (*Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Tradução de George Bernard Sperber. 2. ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 1976. Coleção Estudos – Crítica, 2), ou Georg LUKÁCS (*Estetica: la Peculiaridad de lo Estetico*. Vol. 2: Problemas de La Mimesis. Traduzido do original em alemão por Manuel Sacristán. Barcelona, Grijalbo, 2. ed., 1972) ou Luiz Costa LIMA (*Mimesis: Desafio ao Pensamento*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000); a teoria do macrossistema de língua portuguesa, como proposta por Benjamin

ABDALA JR. em várias de suas importantes obras, especialmente *De vãos e ilhas: literatura e comunitarismos* (Cotia: Ateliê Editorial, 2003), em que aplica o conceito às literaturas brasileira, africanas, portuguesa; a teoria da hibridação, proposta por Néstor García CANCLINI, *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade* (Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997); as teorias da mestiçagem/hibridismo construídas por Serge GRUZINSKI, *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001); a teoria da cultura de fronteira, proposta por Boaventura de Sousa SANTOS (“Modernidade, identidade e a cultura de fronteira”. In: *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997. p. 119-140).

A obra *Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural* (São Paulo: SENAC, 2002), de Benjamin ABDALA JUNIOR, tem sido uma referência importante para a área na medida em que discute vários desses conceitos propostos por Candido, Canclini, Gruzinski, entre outros.

No caso da obra ensaística de Benjamin ABDALA JR. (e dela destaco *De vãos e ilhas: literatura e comunitarismos*, que acho uma obra-prima no gênero), os conceitos já se aplicam ao eixo comparatista ibero-afro-americano; o “círculo uspiano” dos Estudos Comparados encabeçado por ele (lembramos o círculo uspiano da literatura encabeçado por luminares como Candido) inclui no momento pesquisas de intelectuais de várias áreas como literaturas africanas de língua portuguesa, literatura brasileira, literatura infantil-juvenil, literatura portuguesa, considerando as relações entre literatura e sociedade, bem como literatura e vida cultural a partir de um amplo âmbito para o conceito de literatura, como o entende Candido.

**AMRM - Como você se localiza diante dos debates atuais acerca da teoria de Candido? Penso, por exemplo, na leitura crítica do**

**pesquisador português Abel Barros Baptista à *Formação da Literatura Brasileira*, desenvolvida em “O cânone como formação: a teoria da literatura brasileira de Antonio Candido” (posfácio ao volume de ensaios de Candido organizado pelo próprio Abel, intitulado *O direito à literatura e outros ensaios*).**

**Simone Caputo Gomes** - Embora carioca, minha formação esteve sempre ligada ao diálogo entre as literaturas de língua portuguesa (defendi dissertação e tese nas áreas de literaturas africanas e portuguesa, respectivamente) e, no que diz respeito à formação teórica, fui aluna de Luiz Costa Lima no Mestrado e Doutorado, participando de suas reflexões sobre o arcabouço teórico à volta da questão da *mimesis*, ou seja, da construção de uma imagem (ou de imagens) da realidade pela literatura. Portanto, embora considere o artigo citado instigante, discordo do peso dado a um paulistanismo (talvez pela pouca vivência do autor da realidade brasileira, enquanto português vivendo em Portugal) impregnado no “nacionalismo” proposto por Candido. Este evoca, como leitor de Auerbach, uma imagem do Brasil de sua época, uma idéia de brasilidade produzida pela *intelligentsia* tupiniquim, num tempo determinado e no vasto espaço do país. Os pressupostos de Candido, lidos sob um viés contemporâneo, não devem, segundo penso, ser marcados como (ou reduzidos a) reflexões paulistas, pois que impactaram e ainda impactam todo o arcabouço teórico crítico das discussões sobre literatura no nosso país-continente.

No momento atual, como professora e pesquisadora da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (mas já tendo uma trajetória anterior de docência e pesquisa em várias universidades do Rio de Janeiro como a PUC, a UFF e a UFRJ, nesta última como visitante), posso aquilatar, sem qualquer resquício de “bairrismo”, a extensividade rentável da obra de Antonio Candido para a compreensão da formação e consolidação das literaturas africanas de língua portuguesa face aos seus respectivos

contextos, assim como a profundidade/alcance dos conceitos erigidos pelo pensador para um trabalho comparado entre as literaturas componentes do macrossistema literário de língua portuguesa.